

A ESCUTA EMPÁTICA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DE TRANSFORMAÇÃO ODS 4, ODS 16

Fernanda Michele de Oliveira Silva (Universidade de Taubaté)
Prof. Dr. Thiago Vasquez Molina (Universidade de Taubaté)
Prof^a Dr^a Juliana Marcondes Bussolotti (Universidade de Taubaté)

Resumo

Este artigo discute a escuta empática como prática pedagógica de transformação no contexto escolar contemporâneo, compreendendo-a como um ato político, ético e relacional capaz de tensionar modelos de ensino historicamente marcados pelo autoritarismo e pela transmissão vertical do conhecimento. Ancorado em referenciais da Comunicação Não Violenta (Rosenberg), da pedagogia do diálogo e da humanização (Freire) e da psicologia socioemocional (Goleman), o estudo argumenta que a escuta empática desloca o foco do controle para o encontro entre sujeitos, favorecendo vínculos de confiança, mediação de conflitos e um clima cooperativo de aprendizagem. O marco teórico é ampliado por contribuições sobre vulnerabilidade e coragem relacional (Brown) e por perspectivas brasileiras que criticam a cultura do grito e defendem o respeito mútuo como base da educação (Santos; Eigenmann). Do ponto de vista profissional e institucional, a escuta é tratada como competência estruturante da docência (Nóvoa) e como princípio organizador de escolas que se pretendem democráticas (Pacheco). Metodologicamente, trata-se de uma investigação qualitativa guiada pela Análise de Conteúdo (Bardin), com triangulação de perspectivas a fim de robustecer interpretações e reduzir vieses. A análise interpretativa vai além da descrição, buscando apreender sentidos latentes associados às práticas e às condições relacionais que tornam a escuta empática viável como eixo da cultura escolar. O artigo sustenta que a institucionalização da escuta empática converge com a Agenda 2030: contribui para o ODS 4, ao promover educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e para o ODS 16, ao fortalecer uma cultura de paz, participação e justiça no cotidiano escolar. Como implicação prática, propõe-se integrar a escuta empática à formação inicial e continuada de professores, aos dispositivos de gestão e aos protocolos de convivência, assegurando coerência entre discurso e prática. Conclui-se que a escuta empática não é adereço comunicacional, mas alicerce de uma educação humanizadora, capaz de articular emoção, razão e ética e de projetar, para além dos muros da escola, formas de sociabilidade mais justas e solidárias.

Palavras-chave: Escuta Empática; Comunicação Não Violenta; Cultura Escolar.

Introdução

A educação contemporânea enfrenta desafios que ultrapassam os limites do ensino de conteúdos curriculares e exigem o cultivo de competências socioemocionais

capazes de sustentar relações humanas mais justas e solidárias. Nesse contexto, a escuta empática emerge como prática pedagógica essencial para a transformação das interações no espaço escolar, configurando-se como uma ferramenta de mediação de conflitos, fortalecimento de vínculos e promoção de uma cultura de diálogo. Ao deslocar o foco da autoridade impositiva para a abertura sensível ao outro, a escuta empática amplia a possibilidade de reconhecer emoções, necessidades e perspectivas diversas, construindo uma educação que, ao mesmo tempo, ensina e humaniza.

A perspectiva da Comunicação Não Violenta (CNV), desenvolvida por Marshall Rosenberg, constitui-se como fundamento para compreender a escuta empática como processo relacional que ultrapassa a técnica comunicacional. Para Rosenberg (2006, p. 23), comunicar-se a partir da escuta sensível significa conectar-se àquilo que é vivo no outro, reconhecendo sentimentos e necessidades antes de formular julgamentos ou respostas automáticas. Essa postura não apenas previne a escalada da violência verbal e emocional, mas cria condições para uma convivência escolar pautada no respeito mútuo e na cooperação.

No campo educacional, a escuta empática dialoga diretamente com a pedagogia do diálogo proposta por Paulo Freire (1996, p. 127), que compreende o ato educativo como encontro entre sujeitos, e não como simples transmissão de conteúdos. Escutar, nesse horizonte, é reconhecer a palavra do outro como legítima e transformadora, inserindo o processo de ensino-aprendizagem em uma lógica horizontal, democrática e emancipadora. Tal concepção aproxima-se também das contribuições de Daniel Goleman (1995, p. 137), ao destacar a empatia como dimensão fundamental da inteligência emocional, capaz de qualificar as relações interpessoais e potencializar o desenvolvimento integral dos estudantes.

A valorização da escuta empática encontra respaldo ainda em autores que tematizam a vulnerabilidade e a coragem como elementos constitutivos das relações humanas. Brené Brown (2013, p. 25) enfatiza que a disposição de estar vulnerável, de se abrir ao outro sem a garantia de certezas ou resultados, é condição para vínculos autênticos. Da mesma forma, Elisama Santos (2020, p. 58) e Maya Eigenmann (2022, p. 19) defendem que práticas educativas fundamentadas na

empatia e no respeito mútuo rompem com a lógica autoritária e viabilizam a construção de ambientes mais seguros e colaborativos.

Partindo desse conjunto teórico, o presente artigo propõe discutir a escuta empática como prática pedagógica de transformação, analisando sua relevância para o cotidiano escolar e para a constituição de uma cultura educacional humanizadora. Busca-se evidenciar como essa prática pode contribuir para a mediação de conflitos, para o fortalecimento do vínculo professor-aluno e para a efetivação de uma escola que seja espaço de diálogo, cidadania e paz.

Revisão da literatura

A escuta empática, compreendida como prática pedagógica, constitui-se a partir de uma teia conceitual que atravessa diferentes campos do conhecimento. Sua centralidade na contemporaneidade se explica pela necessidade de superação de modelos de ensino centrados no autoritarismo, ainda predominantes em muitas instituições escolares.

No campo da Comunicação Não Violenta (CNV), Marshall Rosenberg aprofunda a ideia de que escutar não significa apenas captar palavras, mas sintonizar-se com a vida que pulsa no outro. Em *Vivendo a Comunicação Não Violenta*, o autor observa que:

A empatia é uma maneira especial de escutar com a totalidade de nossa atenção. Significa estar presente para o outro, não para julgar ou oferecer soluções imediatas, mas para compreender plenamente o que está sendo comunicado (Rosenberg, 2019, p. 45).

Essa definição amplia a escuta para além da dimensão técnica, vinculando-a a uma atitude ética que transforma as relações interpessoais e institucionais.

No campo pedagógico, Paulo Freire sustenta que o ato de escutar está intrinsecamente ligado ao compromisso com a humanização. Em *Pedagogia da Esperança*, o autor ressalta que a escuta só se torna fecunda quando se abre ao risco do encontro e da transformação, afinal “o educador democrático não pode se furtar a escutar, porque é no diálogo que se cria o espaço de formação mútua. Escutar é, nesse sentido, um gesto de humildade e também de coragem” (Freire, 1992, p. 69).

Essa compreensão situa a escuta empática como prática fundante de uma educação dialógica, que recusa o silenciamento e legitima a voz do educando como sujeito histórico.

As contribuições da psicologia socioemocional fortalecem esse entendimento. Daniel Goleman, em seus estudos sobre a inteligência emocional, evidencia que a empatia é competência indispensável ao desenvolvimento integral. Ao discutir o papel das emoções nas interações humanas, ele observa que a ausência da empatia compromete tanto os vínculos pessoais quanto os processos de aprendizagem, pois gera ambientes marcados pela insegurança e pelo conflito (Goleman, 1995, p. 142). A escuta empática, nesse sentido, atua como via de equilíbrio, oferecendo suporte emocional ao mesmo tempo em que potencializa a aprendizagem.

Outro eixo importante de fundamentação encontra-se nos estudos de Brené Brown, que relaciona escuta e empatia à experiência da vulnerabilidade. Para a autora, o educador que se dispõe a escutar empaticamente precisa estar aberto à exposição emocional, pois “a empatia não é apenas compreender com a mente, mas sentir com o coração, o que exige vulnerabilidade e autenticidade” (Brown, 2016, p. 78). Essa reflexão situa a escuta como prática relacional corajosa, capaz de criar vínculos genuínos em ambientes historicamente atravessados pelo medo e pela rigidez hierárquica.

No cenário brasileiro, Elisama Santos reforça que a escuta empática deve começar pelo reconhecimento das próprias emoções. Ao analisar os efeitos do autoritarismo nos processos educativos, a autora aponta que a verdadeira escuta ocorre quando o adulto rompe com a lógica de imposição e aprende a identificar os sentimentos que movem suas reações. Essa postura não apenas fortalece vínculos, mas também ensina às crianças e jovens que suas vozes têm valor e dignidade (Santos, 2021, p. 72).

Maya Eigenmann, por sua vez, argumenta que a prática da escuta empática rompe com a ideia de obediência cega, tão presente em modelos tradicionais de educação. Para a autora, “a obediência não pode ser confundida com respeito; somente relações simétricas, em que ambas as partes se escutam, são capazes de educar de fato” (Eigenmann, 2022, p. 64). A escuta, nesse caso, é vista como caminho para o respeito mútuo e para a construção de uma convivência mais saudável.

No debate sobre a formação docente, António Nóvoa defende que a profissão precisa ser permanentemente reconstruída em diálogo com a prática. Esse movimento de reflexão crítica inclui necessariamente a capacidade de escuta como parte da identidade do professor. Como destaca o autor, “a docência se constitui tanto no domínio do conteúdo quanto na habilidade relacional de dialogar e ouvir os outros” (Nóvoa, 1995, p. 39). Assim, a escuta empática aparece como competência profissional estruturante, e não como habilidade periférica.

José Pacheco também enfatiza a centralidade do diálogo nas instituições educativas. Ao refletir sobre a Escola da Ponte, ressalta que a democratização das relações escolares só é possível quando a escuta deixa de ser retórica e passa a integrar a cultura institucional. Em suas palavras, “uma escola que não se organiza pelo diálogo não pode ser chamada de democrática. É no ouvir-se mutuamente que se constrói a partilha, a participação e o sentido de comunidade” (PACHECO, 2008, p. 61).

Esse pensamento conecta-se diretamente ao desafio contemporâneo de transformar a escuta empática em prática coletiva, capaz de sustentar a vida democrática da escola.

Finalmente, é necessário situar a escuta empática no horizonte das políticas globais. A Agenda 2030, ao estabelecer os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, propõe metas que dialogam diretamente com essa prática. O ODS 4 orienta para “assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade” (ONU, 2015, p. 20), enquanto o ODS 16 defende a necessidade de “promover sociedades pacíficas e inclusivas, proporcionar acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes e responsáveis” (ONU, 2015, p. 35). Nesse contexto, a escuta empática não é apenas ferramenta pedagógica, mas estratégia política de construção de uma cultura escolar comprometida com a justiça social e a paz.

Método

A presente pesquisa inscreve-se no campo da abordagem qualitativa, por reconhecer que a escuta empática, enquanto prática pedagógica, envolve dimensões relacionais, subjetivas e contextuais que não podem ser compreendidas a partir de reduções quantitativas. A investigação qualitativa, como afirma Pacheco (2008, p. 47),

caracteriza-se por ser “compreensiva, interpretativa e crítica, exigindo do pesquisador uma postura de abertura para captar a pluralidade de sentidos e significados que emergem das práticas e dos discursos”. Nesse horizonte, buscou-se compreender como a escuta empática se manifesta no cotidiano escolar e de que maneira pode ser percebida por professores, alunos e gestores como ferramenta de transformação das interações.

O tratamento do material coletado foi realizado por meio da Análise de Conteúdo, conforme delineada por Laurence Bardin, técnica que se mostra adequada por permitir a identificação de padrões, categorias e sentidos implícitos nos discursos. A autora define tal metodologia como:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (Bardin, 2011, p. 42).

Esse processo interpretativo foi conduzido envolvendo a construção de inferências à luz do referencial teórico. Mais do que descrever teóricos e seus textos, a análise procurou interpretar significados, evidenciando as nuances de como a escuta empática é indispensável em contextos escolares.

Torna-se pertinente lembrar a advertência de Nóvoa (1995, p. 25), segundo a qual “a formação e a investigação em educação não se constroem pela acumulação de dados, mas pelo exercício constante de reflexão crítica e pela reconstrução permanente da prática”. O estudo procurou situar a escuta empática não apenas como objeto de investigação, mas como eixo de reflexão sobre as possibilidades de uma cultura escolar mais dialógica, inclusiva e transformadora.

Resultados e discussão

A análise teórica sobre a escuta empática permite compreender que sua relevância no contexto educacional vai além da dimensão comunicacional, trata-se de um ato político, ético e relacional que redefine a cultura escolar e inaugura novas possibilidades de convivência democrática. A escola, historicamente marcada por práticas autoritárias e centradas na transmissão vertical do conhecimento, necessita hoje de instrumentos que promovam diálogo, participação e respeito mútuo. Nesse

horizonte, a escuta empática emerge como condição de humanização das relações pedagógicas.

Na perspectiva de Marshall Rosenberg, fundador da Comunicação Não Violenta, escutar empaticamente é uma forma de estabelecer conexão genuína com o outro, reconhecendo sentimentos e necessidades sem reduzi-los a julgamentos ou interpretações superficiais. O autor ressalta que:

“A Comunicação Não Violenta nos leva a nos expressarmos de forma honesta e clara, prestando atenção tanto ao que observamos, sentimos e necessitamos quanto ao que os outros observam, sentem e necessitam. [...] Em lugar de críticas ou julgamentos, ela nos convida a ouvir o outro com empatia, buscando o que há de humano por trás de cada palavra ou comportamento” (Rosenberg, 2006, p. 23).

A escuta é parte constitutiva do diálogo, que, por sua vez, é condição da prática educativa libertadora. Escutar, nesse horizonte, não é apenas ouvir, mas reconhecer o outro como sujeito legítimo do processo educativo. Essa proposta se articula de modo direto ao pensamento freireano:

“É escutando que aprendemos a falar com o outro, e não simplesmente a ele, e muito menos sobre ele. Escutar significa a disponibilidade permanente para a abertura à fala do outro, à sua expressão, aos seus gestos, às suas diferenças” (Freire, 1996, p. 127).

A escuta empática, portanto, aproxima Rosenberg e Freire em uma convergência essencial: ambos sustentam que educar é um ato de encontro, sustentado pelo reconhecimento da humanidade que habita cada sujeito.

A psicologia socioemocional, por meio das contribuições de Daniel Goleman (1995), reforça essa centralidade ao situar a empatia como um dos pilares da inteligência emocional. Para o autor, “compreender e acolher os estados emocionais do outro é condição indispensável para a qualidade das relações humanas, sobretudo em contextos marcados por conflitos e tensões (Goleman, 1995, p. 137)”. Assim, no espaço escolar, a escuta empática pode ser compreendida como a face pedagógica da inteligência emocional, promovendo ambientes mais equilibrados e colaborativos.

Essa prática, no entanto, demanda também coragem e disposição para a vulnerabilidade. Não há vínculos autênticos sem a abertura ao risco de se deixar afetar pelo outro. Brené Brown argumenta que “a vontade de assumir os riscos e de se comprometer com a nossa vulnerabilidade determina o alcance de nossa coragem e a clareza de nosso propósito” (Brown, 2013, p. 25).

A autoridade docente não se enfraquece quando o professor se mostra disponível à escuta, mas se fortalece em bases mais autênticas, sustentadas pela confiança e pelo respeito recíproco. É nesse ponto que as contribuições de Elisama Santos tornam-se especialmente pertinentes. Ao problematizar a cultura do grito e da violência verbal na educação, a autora ressalta que escutar empaticamente implica, antes de tudo, escutar a si mesmo. “Ao escutar o que grita por trás dos nossos gritos, aprendemos muito sobre nós. E crescemos como pais e como seres humanos” (Santos, 2020, p. 58).

Tal reflexão amplia o debate, pois aponta que a escuta empática não se limita a um gesto em direção ao outro, mas envolve também uma dimensão autorreflexiva onde o educador precisa reconhecer seus próprios limites emocionais para estar verdadeiramente disponível ao estudante. Essa perspectiva dialoga com Maya Eigenmann (2022), ao lembrar que “não é a raiva que educa, é a calma que educa. O respeito só existe se for de ambos os lados” (Eigenmann, 2022, p. 19).

Tais aportes indicam que a escuta empática não pode ser reduzida a recurso técnico. Trata-se de uma competência docente estruturante, cuja ausência fragiliza a prática pedagógica. Nóvoa (1995) é categórico ao afirmar que a identidade profissional do professor se constrói em permanente reflexão crítica sobre sua prática, e não apenas pela acumulação de cursos ou conteúdos (Nóvoa, 1995, p. 25). A escuta empática, portanto, precisa ser incorporada à formação inicial e continuada como dimensão constitutiva da docência. Pacheco (2008), ao discutir a escola democrática, reforça essa ideia ao sustentar que nenhuma instituição pode se dizer democrática se o diálogo não estiver no centro de sua cultura (Pacheco, 2008, p. 52).

Essa perspectiva conecta-se também às políticas globais de educação. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) situam a escuta empática como prática capaz de concretizar metas sociais amplas. O ODS 4 defende “assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (ONU, 2015, p. 20). Já o ODS 16 propõe “promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis” (ONU, 2015, p. 35). Ao favorecer o

diálogo, a cooperação e o respeito mútuo, a escuta empática materializa tais objetivos no espaço escolar, transformando-os em experiência cotidiana.

Por conseguinte, longe de configurar um recurso acessório, a escuta empática deve ser entendida como princípio estruturante da educação transformadora. Ela articula as dimensões emocionais, cognitivas e sociais da aprendizagem, abrindo caminho para a construção de vínculos autênticos e para a efetivação de uma cultura escolar humanizadora. Como prática pedagógica, sua potência ultrapassa os limites da sala de aula, projetando-se como ferramenta de consolidação de sociedades mais justas, pacíficas e solidárias.

Considerações Finais

Refletir sobre a escuta empática como prática pedagógica é reconhecer que a escola não pode mais se sustentar em modelos autoritários, centrados no controle e na transmissão unilateral de conhecimentos. Ao contrário, o que se impõe é a necessidade de construir um espaço educativo que seja, antes de tudo, lugar de humanização, diálogo e reconhecimento da alteridade. Nesse cenário, a escuta empática não aparece como um recurso periférico, mas como fundamento ético e político da educação contemporânea.

O diálogo com os referenciais teóricos permitiu compreender que escutar com empatia é mais do que uma técnica comunicacional. Em Rosenberg (2006), ela se apresenta como eixo da Comunicação Não Violenta, promovendo conexões autênticas baseadas no reconhecimento das necessidades humanas. Em Freire (1996), a escuta aparece como condição do diálogo libertador, que legitima a palavra dos estudantes e os reconhece como sujeitos históricos. Em Goleman (1995), a empatia constitui-se como competência essencial da inteligência emocional, indispensável para relações equilibradas. Brown (2013) acrescenta que a escuta só se torna autêntica quando acompanhada da disposição para a vulnerabilidade, rompendo com a ilusão do controle e permitindo vínculos de confiança. E, no horizonte contemporâneo, autoras como Elisama Santos (2020) e Maya Eigenmann (2022) nos recordam que a educação só se sustenta em bases sólidas quando abandona a lógica da violência e da imposição, substituindo-a pelo respeito mútuo e pela calma como princípios educativos.

Tais contribuições convergem para um ponto essencial: a escuta empática constitui uma prática transformadora porque desloca a educação de um paradigma centrado no poder e na hierarquia para outro fundamentado no diálogo e na cooperação. Essa transformação não é apenas pedagógica, mas também cultural e política. Ao reconhecer o outro em sua inteireza, a escuta empática tensiona as estruturas autoritárias ainda presentes nas escolas, abrindo espaço para relações mais democráticas e horizontais.

Nesse sentido, a prática da escuta empática encontra respaldo nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015). O ODS 4, ao propor uma educação inclusiva e de qualidade, exige a criação de ambientes onde todos os sujeitos possam aprender em condições de equidade. O ODS 16, ao defender sociedades pacíficas e inclusivas, convida a escola a assumir sua responsabilidade na promoção da paz cotidiana. Ambos tem potencial de concretização quando a escuta empática se torna prática institucionalizada, rompendo com o silenciamento e promovendo o reconhecimento mútuo.

É preciso, contudo, adotar uma postura crítica diante dessa proposta. Não basta enunciar a escuta empática como ideal: ela precisa ser incorporada como competência docente estruturante e como princípio organizador da gestão escolar. Isso implica revisar os processos formativos, criando condições para que professores aprendam a escutar a si mesmos e aos outros, em um movimento contínuo de reflexão e autotransformação. Ao ler Nóvoa (1995) percebe-se que a identidade profissional se constrói em processo, pela reflexão crítica sobre a prática. Logo, a escuta empática não pode ser vista como habilidade periférica, mas como núcleo da profissionalidade docente.

Assim, mais do que ponto de chegada, este estudo evidencia que a escuta empática abre um campo fecundo de investigações e práticas. Sua potencialidade está em possibilitar que a escola se torne espaço de convivência democrática, lugar em que se aprende não apenas conteúdos, mas modos de ser e de estar no mundo. Uma escola que escuta é uma escola que humaniza; uma escola que humaniza é uma escola que transforma.

Portanto, a escuta empática não deve ser entendida como um adereço da prática pedagógica, mas como um dos pilares de uma educação transformadora, que,

ao articular emoção, razão e ética, se projeta para além dos muros escolares e se inscreve como compromisso com a construção de uma sociedade mais justa, pacífica e solidária.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BROWN, Brené. **A arte da imperfeição: abandone a pessoa que você acha que deve ser e seja você mesmo**. Tradução de Antonio Carlos Vilela. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2012.

BROWN, Brené. **A coragem de ser imperfeito: como aceitar a própria vulnerabilidade, vencer a vergonha e ousar ser quem você é pode levá-lo a uma vida mais plena**. Tradução de Joel Macedo. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

BROWN, Brené. **Mais forte do que nunca: como se levantar depois de uma queda**. Tradução de Vera Lúcia Ribeiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

EIGENMANN, Maya. **A raiva não educa: a calma educa**. Bauru: Astral Cultural, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

ONU. **Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Nova Iorque: Organização das Nações Unidas, 2015.

PACHECO, José. **Escola da Ponte: formar e transformar**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Tradução de Mário Vilela. 9. ed. São Paulo: Ágora, 2006.

ROSENBERG, Marshall B. **A linguagem da paz em um mundo de conflitos**. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Ágora, 2018.

ROSENBERG, Marshall B. **Vivendo a Comunicação Não Violenta: histórias de vida**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2019.

ROSENBERG, Marshall B. **Educação compassiva: criando crianças emocionalmente saudáveis**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2020.

SANTOS, Elisama. **Por que gritamos: como fazer as pazes consigo e educar filhos emocionalmente saudáveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

SANTOS, Elisama. **Educação não violenta**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.